

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DAS COMUNIDADES CANDOMBLECISTAS AFRO-BRASILEIRAS

Eleno Marques de Araújo¹
Samuel Pedro Gonzaga²

Resumo: O presente texto constrói uma teia significativa e bibliográfica sobre a etnografia conceitual das vivências de mundo usados pelos candomblecistas que através de elementos potenciais e significativos como ancestralidade, natureza, oralidade, danças, entre outros, constroem seus conhecimentos. São conhecidos como povos culturais tradicionais, e seu veículo base de aprendizagem é a oralidade. Quando utilizados nas práticas educativas de seus iniciados após confirmação pelos jogos de búzios “consulta de significados orais ancestrais”, ocorre o início da formação humana e pedagógica candomblecista. Não dicotimizaremos a presença da escrita nesta pesquisa, apesar de encontrarmos relatos da sua existência como método de fixação pedagógica. Este ensaio é resultado também de uma observação *in loco* realizada em um terreiro de Ketú, município de Jaboatão dos Guararapes/Pe. Corroboram ainda com esta temática candomblecistas, documentários, livros e artigos. À luz das ordenações esclarecedoras de Boaventura de Sousa Santos (2009), em sua pesquisa *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*, onde aponta formas de cristalizar as epistemologias monoculturais e hegemônicas que, ao acessar pensamentos multiculturais neste caso uma “pedagogia candomblecista” o aprender a aprender vai para além da relação “coisificada”, visa a linha pós-abissal. Entretanto, a educação contemporânea desenvolve a linguagem dinâmica em suas práticas pedagógicas, com teorias e metodologias que contemple educador/educando. A Aprendizagem Significativa criada por David Ausubel (2000) utiliza organizadores prévios para estruturar os processos de novas informações que irão se estabelecerem e formarem novos saberes dentro de uma perspectiva onde as peças bases serão: a disponibilidade do aluno/abiã em querer passar pelos processos de aprendizagem e o material pedagógico que terá que ser de alta complexidade sendo potencialmente significativo. Aprendizagem sendo significativamente na sua formação tornará crítico, autônomo, pesquisador, anunciando a teoria de David Ausubel para o século XXI como uma proposta transformadora amplificando sua concepção para uma aprendizagem com significados.

Palavras-chave: Aprendizagem significativa. Epistemologia do Sul. Candomblé.

THE PEDAGOGICAL PRACTICES OF AFRO-BRAZILIAN CANDOMBLECE COMMUNITIES

¹ Pós-Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Uberaba-MG, sob a orientação da profa. Dra Vania Maria de Oliveira Vieira. É Licenciado em FILOSOFIA pela Universidade Federal de Goiás (1994). Bacharel em TEOLOGIA pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2003). MESTRADO em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2003). DOUTORADO em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2012) - bolsista da FAPEG. É Licenciado em Pedagogia pela FACIBRA (2014). Atuou como professor na Universidade Estadual de Goiás - UEG - Campus de São Luís de Montes Belos e Iporá - GO, na Faculdade Montes Belos - GO - FMB e no Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás - IFITEG, onde coordenou o Curso de Filosofia (2010-2013).

² Especializando em Educação Especial-FAFIRE-Faculdade Paula Franssinetti de Recife-2018/2019, Graduado em Pedagogia-FAI/Faculdade Itapuranga/Goiás-2017. Técnico em Agropecuária-UFRPE/CODAI-2007. Membro do GEFOP - Grupo em Formação de Professores e Interdisciplinaridades. Unidade-UEG/São L. dos M. Belos/Go. samuelpedrogonzagagonzaga@gmail.com

Abstract: The present text constructs a significant and bibliographical web on the conceptual ethnography of the world experiences used by the candomblecistas that through potential and significant elements like ancestry, nature, orality, dances, among others, construct their knowledge. They are known as traditional cultural peoples, and their base vehicle of learning is orality. When used in the educative practices of his initiates after confirmation by the games of búzios "consultation of ancestral oral meanings", the beginning of the human formation and pedagogical candomblecist. We will not dichotomize the presence of writing in this research, although we find reports of its existence as a method of pedagogical fixation. This essay is also the result of an in situ observation made in a terreiro of Ketú, municipality of Jaboatão dos Guararapes / Pe. They also corroborate with this theme candomblecistas, documentaries, books and articles. In light of the enlightening ordinations of Boaventura de Sousa Santos (2009), in his research Beyond Abyssal thinking: from global lines to an ecology of knowledge, where he points out ways to crystallize the monocultural and hegemonic epistemologies that, when accessing multicultural thinking in this case a "candomblecist pedagogy" learning to learn goes beyond the "metalized" relationship, aims at the post-abysal line. However, contemporary education develops dynamic language in its pedagogical practices, with theories and methodologies that contemplate educator / educator. Significant Learning created by David Ausubel (2000) uses previous organizers to structure the processes of new information that will establish and form new knowledge within a perspective where the basic parts will be: the student / abian's willingness to go through the processes of learning and teaching material that will have to be highly complex and potentially significant. Learning being significantly in his training will become a critical, autonomous, researcher, announcing David Ausubel's theory for the twenty-first century as a transformative proposition amplifying his conception for meaningful learning.

Keywords: Meaningful learning. Epistemology of the South. Candomblé.

LAS PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS DE LAS COMUNIDADES CANDOMBLECISTAS AFRO-BRASILEÑAS

Resumen: El presente texto construye una tela significativa y bibliográfica sobre la etnografía conceptual de las vivencias de mundo usados por los candompartidistas que a través de elementos potenciales y significativos como ancestralidad, naturaleza, oralidad, danzas, entre otros, construyen sus conocimientos. Son conocidos como pueblos culturales tradicionales, y su vehículo base de aprendizaje es la oralidad. Cuando se utilizan en las prácticas educativas de sus iniciados después de la confirmación por los juegos de búzios "consulta de significados orales ancestrales", ocurre el inicio de la formación humana y pedagógica candomblecista. No dicotomizaremos la presencia de la escritura en esta investigación, a pesar de encontrar relatos de su existencia como método de fijación pedagógica. Este ensayo es resultado también de una observación in loco realizada en un terreiro de Ketú, municipio de Jaboatão dos Guararapes / Pe. También corroboran con esta temática candomblecistas, documentales, libros y artículos. A la luz de las ordenaciones esclarecedoras de Boaventura de Sousa Santos (2009), en su investigación Además del pensamiento abisal: de las líneas globales a una ecología de saberes, donde apunta formas de cristalizar las epistemologías monocultura y hegemónica que, al acceder a pensamientos multiculturales en este caso una "pedagogía candomparista" el aprender a aprender va más allá de la relación "coisificada", apunta a la línea post-abisal. Sin embargo, la educación contemporánea desarrolla el lenguaje dinámico en sus prácticas pedagógicas, con teorías y metodologías que contemple educador / educando. El Aprendizaje Significativo creado por David Ausubel (2000) utiliza organizadores previos para estructurar los procesos de nueva información que se establecerán y formen nuevos saberes dentro de una perspectiva donde las piezas base serán: la disponibilidad del alumno / abían en querer pasar por los procesos de información el aprendizaje y el material pedagógico que tendrá que ser de alta complejidad siendo potencialmente significativo. Aprendizaje que es significativamente en

su formación hará crítico, independiente, investigador, anunciando la teoría de David Ausubel para el siglo XXI como una propuesta transformadora amplificando su concepción para un aprendizaje con significados.

Palabras clave: Aprendizaje significativo. Epistemología del Sur. Candomblé.

INTRODUÇÃO

Este texto propõe uma reflexão acerca das temáticas educação e terreiros que, são temas complexos e de grande discussão por tratar de questões humanas, sociais, políticas e identificam as multiculturalidades/interculturalidades apontadas como construtoras das novas perspectivas epistemológicas. Entretanto, ao serem inseridas nas grades curriculares das modalidades básicas do ensino brasileiro e também nos cursos superiores, devem contribuir no surgimento de uma nova forma de construir uma sociedade com alteridade e equidade.

O embasamento teórico está amparado em obras e autores como: David Ausubel (2000) *Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva*, Moreira e Masini (1992) no livro *A Aprendizagem Significativa: a teoria de David Ausubel* e Kochhann e Moraes (2014) *Aprendizagem Significativa na perspectiva de David Ausubel*, contribuindo ao identificar como ocorre as práticas pedagógicas, o ensino e a aprendizagem. Transpondo essas teorias de comparando-as com as desenvolvidas pelos candomblecistas dentro das casas terreiros e se as mesmas fazem sentido não ocorrendo a aprendizagem memorizada, que torna as ideais um campo sem sentido. Portanto, sendo significativa entre seus atores coletivos sociais filhos e filhas. Contudo, Ausubel não trata das epistemologias africanas e afro-brasileiras em seus estudos. Por conseguinte, analisaremos alguns conceitos usado pelo autor para que esta tessitura possa ser entendida.

No que toca, a “ecologia de saberes” descrita por Boaventura, a educação como fonte prioritariamente de saberes tais como: Modalidade Escolar Quilombola, Casas Terreiros, Educação Indígenas, entre outras, como nova fonte de pesquisa ‘saberes e fazeres’, já que é chegado o momento do Norte conhecer as Epistemologias do Sul.

Com estes contributos científicos poderemos construir novos pensamentos dentro de uma afroperspectiva³ trazida à luz da análise da aprendizagem significativa

³ O termo afroperspectivista tem um sentido simples, o conjunto de pontos de vista, estratégias,

crítica quando apontamos os terreiros candomblecistas como praticante de uma teoria. Eles utilizam símbolos como organizadores prévios, a oralidade é a base desse discurso ao afirmar sua aprendizagem promovem: teias culturais, novos aprendizados e novos fazeres, construções humanizadas filosóficas como o “ubuntu”.⁴ E também construções não dicotomizadas como: teoria e prática, oral e escrita, negritude e branquitude, Norte e Sul e assim por diante, são pela indissociabilidade das práticas de ensino!

A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DE DAVID PAUL AUSUBEL

Situamos o pesquisador norte-americano David Paul Ausubel, como autor que faz parte das novas tessituras atualizadas na educação e nos processos pedagógicos, sobretudo por suas obras *Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva; Psicologia da Aprendizagem Verbal Significativa (The Psychology of Meaningful Verbal Learning, 1963)*. Nesta última obra ele define e sistematiza a aprendizagem significativa. Segundo ele, todas as constelações de informações que compõem o conhecimento prévio do aluno, devem ser o ponto por onde o professor deve iniciar o processo de ensinagem. Aproveitar das informações prévias que é de pertencimento da estrutura cognitiva do sujeito que irá apreender, favorecerá bons resultados para mecanismo de ensinar e aprender. Ele afirmar que, *a priori*, o professor que trabalhar com os conhecimentos existentes do educando estará usando de conhecimentos já existentes na mente do estudante e, que agora poderá construir sua proposta curricular, deste modo a aula se tornará mais atrativa e divertida, para ocorrer a aprendizagem verbal e significativa.

Detecta-se dois pontos facilitadores e necessários. O primeiro é a disponibilidade do aluno em querer fazer parte da proposta da aula. O segundo constitui-se do próprio material pedagógico principal que deve estar para além de um facilitador. Terá que ser o que Ausubel propõe ser ‘potencialmente significativo’.

A aprendizagem significativa é uma boa ferramenta nos processos avaliativos da evolução cognitiva do educando. Com ela é possível saber se os resultados insuficientes

sistemas e modos de pensar e viver dos povos africanos.

⁴ O objetivo do ensaio é apresentar a ética ubuntu como uma maneira afroperspectivista de resistência e configuração dos valores humanos em prol de uma comunidade que seja capaz de compartilhar a existência.

são como consequência de causas biológicas ou do insucesso do professor. Por meio dela pode-se ainda sentir a proposta curricular da escola e saber se ela é tecnicista, mecanicista ou significativa. A comissão pedagógica poderá aproveitar dos momentos mediáticos em sala de aula para saber se o aluno está desenvolvendo bem sua cognição. Se por ventura não estiver, podemos usar deste viés teórico, e encaminhar o educando para uma análise com especialista afim de aprofundar seu caso. Portanto, percebemos que essa teoria ajuda o aluno e o professor na sua integração, uma aprendizagem significativa vai para além de entender o mundo. Ela é uma complementaridade na vida escolar.

Contudo, esta teoria cognitiva nos faz pensar os caminhos que o ato de aprender a aprender no mundo contemporâneo poderá seguir, seja no particular até nas especificidades já que tudo no mundo tem significado. E a ‘práxis’ nesta complexidade será de fácil assimilação, é o que a ocorre a cada momento que aprendemos.

ENTRE ORALIDADES E SIMBOLOGIAS UMA PRÁTICA SIGNIFICATIVA

Ao desembarcarem no continente sul-americano, os africanos trouxeram em suas bagagens diversas práticas constitutivas de saberes e fazeres, protegida na memória ancestral, de sua cognição. Sabemos que a África é um seleiro de sábios, pensadores, estrategistas, reis, rainhas, engenheiros, guerreiros, entre outras diversas formas de se desenvolver comunidades, cidades e país.

Um continente constituído de linguagens diversificadas, sendo línguas nativas ou deixada pelos colonizadores quando utilizou as trocas dos idiomas como forma de aprisionamento, hegemonia⁵ que desintegrar uma cultura. Para além de terras continentais gigantescas e configurada por animais exóticos entre muitos deles selvagens, safáris e povos tribais. Os africanos deixaram seus pertencimentos culturais e religioso que são símbolos que os identificam em qualquer parte do globo terrestre.

Com vestimentas geométricas de cores vivas e alegres, contos e narrativas orais,

⁵ Para Gramsci a ‘função de hegemonia’ que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de “domínio direto” ou de comando, que se se expressa no estado e no governo “jurídico”. (GRAMSCI. 2004, p.12) Caderno do Cárcere vol. 2.

turbantes que marcam o emponderamento e beleza feminina, colares marcantes e mágicos, arquiteturas que surpreendem obras na contemporaneidade, com belos rios e mares azuis e entre outros. Assim é a África, berço da humanidade segundo o brasileiro-congolês professor titular do departamento de Antropologia da FFLCH/USP, Kabenguele Munanga (2012).

As religiões de matrizes afro-brasileiras configuram-se pela heterogeneidade, este processo ocorreu por virem de diversos países africanos, tais como: Benin, Congo, Nigéria entre outros, que ao chegarem no Brasil uniram-se contra o regime escravista fomentado pelos europeus.

Diz o Babalorixá (pai) Marcos do Ilê Asé Iyá Oròniwa *“formando uma religião puramente de tradição. Na África a religião é formada por etnia. Cada grupo social/familiar tem um Òrìsà que cuida daquela pertença étnica. Ao contrário do Brasil, que são todos juntos, no mesmo espaço sagrado como família. Por isso tem: pai, mãe e filhos”*.⁶ Portanto, o biológico e o cultural estão intrinsecamente imbricados, formando um novo povo, em uma nova religião. Agora, uma nova África brasileira!

A *“tradição oral ou lecto-oral”* é veículo da teoria e/ou metodologia da aprendizagem candomblecista que envolve o abstrato (òrìsàs, ancestrais, além) e o concreto (símbolos religiosos) numa relação harmoniosa com os elementos da natureza. É o que afirma o babá Marco de Osum *“passa-se o ensinamento pela oralidade, ‘itãs’⁷ histórias africanas reforçando os laços dos mitos e ritos são exemplos de vidas para os adeptos, quando for para a cozinha, pegar as ervas, nas visitas no mar, limpar o quarto dos santos. Tudo começa é pela fala*. Nesta mesma esteira está o pensamento de Ausubel (2000, p. 2).

A aprendizagem significativa de proposições verbais, embora algo mais complicado do que a aprendizagem dos significados das palavras, é semelhante à aprendizagem representacional, na medida em que surgem novos significados depois de uma tarefa de aprendizagem potencialmente significativa se relacionar e interagir com ideias relevantes existentes na estrutura cognitiva.

Através das *“línguas-de-santo em Yorubá e/ou Yorubá à moda portuguesa”* nos

⁶ Os Depoimentos foram dados por ocasião da pesquisa no terreiro de Ketú, município de Jaboaão dos Guararapes/Pe.

⁷ Segundo o babalorixá marcos de Oxum Itãs são narrativas orais dos orixás, que servem como conhecimento para a vida toda.

remete às memórias do continente mãe África, que é um marco civilizatório como línguas reminiscentes nas sociedades religiosas afro-brasileiras. Desta forma, o mundo verbalizado vai para além de pronúncias e sentidos, o partícipe do candomblé passa não só conhecer as práticas, mas, agora sabe que existe o idioma que conecta o Òrun(céu) ao Àiéy(terra) mundos indissociáveis, como narra o Itã sobre a criação do mundo.

Reza uma história africana, originária de Ketu, que no início de tudo havia o Orum, o espaço infinito, e lá vivia o deus supremo Olorum. Certo dia, Olorum criou uma imensa massa de água, de onde nasceu o primeiro orixá: Oxalá, o único capaz de dar vida. Olorum mandou Oxalá partir e criar o aiyê, o mundo. Só que Oxalá não fez as oferendas necessárias para a viagem e enfrentou sérios problemas no caminho. Quem acabou criando o mundo foi Odudua, sua porção feminina. Para consolar Oxalá, o deus supremo Ihe deu outra missão: a de inventar os seres que habitariam o aiyê. Assim Oxalá usou a água branca e a lama marrom para criar peixes azuis, árvores verdes e homens de todas as cores. Foram justamente os homens que, mais tarde, imaginaram formas de adorar e representar a saga de deuses como Oxalá, Odudua, Olorum e tantos outros (BRANDÃO. 2010, p. 18).

Neste contexto, os pais e mães de santo utilizam desta ferramenta oral para poderem usar como teoria da aprendizagem, orientando o iniciado sobre a cosmovisão de mundo que é a vida de um filho de santo, e que os itãs revelam um mundo subjetivo/abstrato que vem sendo passado por nosso ancestrais. É utilizada como uma cartilha, daquelas das escolas, só que nas falas dos pais/mães de santos são emissões muitas vezes orientadas pelos santos.

Segundo Vallado (2010, p. 55) “[...] há o grupo de abiãs (não-iniciados) [...]”. Toda esta transformação ocorre no início com uma consulta e os jogos dos búzios inicia toda uma complexa historicidade diante dos processos auditivos e visuais do iniciado. Muitas vezes este ele e/ou ela chega com alguma dificuldade seja de saúde, problema financeiro, relacionamentos amorosos entre outros.

No tocante a vida religiosa, começa a ser construído um elo entre abiã, orixá, terreiro, babalorixá, ialorixá e irmão. Percebemos uma grande família a surgir, para os candomblecistas a ligação não é de laços de amizade, são alicerces espirituais. Seu novo lar é o terreiro, sua vida é regida pela proteção do santo, não serão iguais aos

demais, pois em suas cabeças têm um guia espiritual e se tornam seres sensíveis e absorvem as energias negativas e/ou positivas emanadas pelo mundo.

Muitas vezes os iniciados passam ver, ouvir, falar, viver, e sonhar com o mundo do além. Agora, suas saudações triviais no terreiro passará a ser, segundo Caputo e Mailsa (2007, p. 97) “Abença meu pai” ou “ Abença minha mãe”. Para Bâ (2010, p. 172) “A fala é, portanto, considerada como a materialização, ou a exteriorização, das vibrações das forças”.

Podemos comparar os iniciado com aqueles alunos que estão aprendendo na escola. Porem, nos terreiros, os iniciantes começam a ser educados pelos sentidos corpóreos como: Acuidade Visual: posições das cores dos santos, reconhecer o santo pela dança, identificar as folhas sagradas; ou Sentidos Auditivos: ritmos dos cantos, aprendendo a ouvir sons da natureza; e Propriocepções: danças, falar língua de santo “Yorubá”, toque dos atabaques, gestual saudações como abraço, aperto de mão.

Ainda neste viés, para Kochhann e Moraes (2014) Acuidades Visuais Sentidos Auditivos e Propriocepções⁸, ganham sentidos para além de memorização e escrita. Criando uma mega aprendizagem significativa com os seus sentidos prévios. O aprendiz torna-se um ser emancipado buscando sempre a autonomia com equidade pautada com valores éticos conduzindo sua vida com liberdade afirmando a oralidade eixo para iniciar o conhecimento assim, como era na África.

Todos que adentram como filhos de santo nos terreiros sempre chegam sempre com o saber comum “conhecimentos prévios”, segundo Morreira e Mansine (1982), a aprendizagem ainda é mecânica pois, ainda não se incorpora na estrutura cognitiva com nenhum subsunçor que dê sentido correto sobre o que é a vida dentro de um terreiro. E não adquirida de forma arbitrária sem fazer sentido para o iniciado. Ausubel, não afirma em sua teoria que existe dicotomia entre aprendizagem significativa e a mecânica. Entretanto, Moreira e Mansine (1982, p. 9) asseveram que existe “um *continuum*” e diferentes processos podem ser aplicados. Neste sentido, compreende-se a aprendizagem mecânica como sendo “um erro significativo”, pois através dela

⁸ “A propriocepção e o controle muscular possuem um papel fundamental na estabilidade articular dinâmica.” (LEPORACE, METSAVAHT, SPOSITO, 2009. p.1) Importância do treinamento da propriocepção e do controle motor na reabilitação após lesões músculo-esqueléticas. ACTA FISIATR 2009; 16(3): 126-131. <http://www.revistas.usp.br/actafisiatr/article/view/103214/101629>

também é possível o aprendizado.

Os espaços dos terreiros de candomblés, são seios matriarcais e/ou patriarcais, um território conhecido pelo grupo neoliberal capitalista como invisíveis, não credíveis, oprimidos pela sociedade hegemônica que vê o outro de origem híbrida, como um coletivo concreto sem cultura, pele escura, povos economicamente fracos, religião demoníaca entre outras denominações, com sentidos negativos e pejorativos.

Ao adentrar nesta sociedade religiosa familiar, o seu coletivo social irá empoderar: fala, postura, decisão, pensamento, tudo pelas causas sócio-humanas, pois somos herdeiros de problemáticas políticas-sócias, que foram se constituindo desde a chega dos africanos no Brasil. Contudo, perceberá a nova escola, no espaço e “territorialidade do candomblé”. Numa afroperspectiva, os pensamentos iluminados de Caputo e Mailsa (2007), Caputo (2015), Noguera (2012), Vallado (2010), abarcam estes novos horizontes que formam teias que, promovem estratégias de aprendizagens.

Toda via, os terreiros prezam também pelo disciplinamento de seus filhos e filhas, seja dentro e/ou fora da casa dos orixás, pois sabem que o respeito é fundamento necessário das sociedades, que convivem em comunhão, pois, no comunitarismo/coletivo todos abarcam vivências de espaços sociais, promovendo o humanismo.

Segundo Vallado (2010) nas suas aprendizagens educativas, os candomblecistas estão inteiramente colados com os preceitos do “santo” sem leis humanas ou dirigida por livros cristãos, como a “bíblia” assim dizemos: “a lei do santo”. Segundo Pierre Verger (2009, p. 16) “Os terreiros de Candomblé são os últimos lugares onde as regras do bom-tom reinam ainda soberanamente”.

O respeito e a obediência são marcas educacionais dos ancestrais, pois, sabiam que o respeito em primeiro lugar dignificam o homem, torna-lhe um ser não “niilista” e lhe proporciona um bem maior, faz sua alma expandir, e, quando isso acontece, caberá mundo da transcendência, a dor não lhe causará mais incomodo, e sim irá dialogar para saber o que ela deseja, pois ela chega e depois desaparece. Isso é crescimento humanizado.

Podendo ser uma das possibilidades que a filosofia africana ubuntu nos ensina, a cumplicidade com o outro. É na cumplicidade com alteridade que se evolui na religião africana. A evolução humana está imbricada com o outro (irmão pois

crescemos juntos). Eu não aprendo só! Não cresço sozinho. No tocante, as práticas usadas no dia a dia a filosofia será nossa maior aliada, nos possibilita a reflexão, pois, a vida cotidiana exige que sejamos proativos, para podermos enfrentar o cotidiano nas salas de aulas com tarefas, correções, descansos, términos entre outros, sendo educadores e/ou educandos.

Observando ainda, que as práticas linguísticas são marco principal no quesito educar, já que, em se tratando de povos advindos de diásporas muitos destes afro-brasileiros não frequentaram a escola e/ou estudaram pouco. Segundo Souza (2015, p. 51) “Art. 69 não serão admitidos á matricula, nem poderão frequentar as escolas: § 1º os meninos que padecem de moléstias contagiosas. § 2º Os que não tiverem sido vacinados. § 3º os escravos”.

Neste caso, diversos terreiros lutam para que sua família de santo se dediquem aos estudos para poderem entenderem o mundo que vivem, assim, podem ter mais possibilidades de lutar por seus direitos e mostrar que “povo de terreiro” pode ser letrado.

Hoje, com os avanços globalizados, o tempo/espaço das escolas e IES são encurtados com as novas formas de aprendizado. Para aqueles que moram distantes das cidades e/ou não dispõem de tempo para frequentar um curso podem escolher por ensinos via internet com os EAD educação a distância.

Para tanto, encontramos relatos da existência da escrita e aparelhos eletrônicos como os celulares com aplicativos sociais, que facilitam a aprendizagem. Nos relata o filho de santo iniciado/abiã Clebson filho de Xangô afirmando que no terreiro eles usam o aplicativo *WhatsApp* para promover conhecimentos: *“temos um grupo no WhatsApp, para podermos conversar assuntos do terreiro, meu pai põe um assunto sobre a religião para discutirmos assim aprendemos mais. Anotar as coisas no caderno é bom para aprimorar o aprendizado. Por não conseguir aprender naquele momento por serem informações detalhadas”*.

Para Caputo (2015, p. 778) “oralidade e escrita não são vistas como oposição ou dicotomia, mas como complementos.” Afirma Previtali (2014, p. 277) “hoje, cadernos de rezas, de receitas de ebós⁹, cantigas, apostilas e livros, fazem parte do aprendizado e

⁹ Segundo autora é uma oferenda votiva para alguns orixás, com a finalidade de pedir ajuda para resolução do problema apresentado por aquele que o evoca. Sua composição consiste de alimentos

memória escrita dos adeptos.” Podemos notar a presença dos aparelhos digitais nos terreiros não só como elo com o mundo cotidiano, mas, como via de ligação com a vida religiosa.

As visitas aos sites relacionados ao candomblé, podem ser por diversos motivos tais como: compra de material religioso, baixar livros para pesquisa, informações online entre outros. Podendo ser uma aula virtual, formando mais palavras-chave tornando a internet um mundo convidativo para os apreciadores.

O Babalaxé Marion (pai pequeno) do terreiro visitado nos informa *“tive uma cliente que queria ser filha de santo. Quando percebi que era pelo luxo que tinha visto na internet disse logo: terreiro é antes (preparar para as obrigações), durante (arrumar e fazer a festa) e depois (limpar e deixar tudo pronto para a próxima festa) podendo levar dias, após, esta conversa ela não veio mais no meu atelier”*.

Não podemos tecer críticas negativas quanto ao uso dos mecanismos digitais para promover o candomblé nas mídias. Na tela, as visões dos terreiros são perfeitas, mas que não condizem com a realidade vivida, pois as tarefas realizadas têm quer ser entre teorias/práticas. Neste caso, vale o reverso.

Ainda neste viés, podemos observar a procissão e a lavagem das escadarias da Igreja de Nosso Senhor do Bomfim, em Salvador – BA, bem como, nas festividades carnavalescas encontros dos Maracatus de baque solto, virado e nação em Recife – PE, que visibilizam para o mundo, povos e comunidades ‘invisíveis, quase o ano todo’ pelo enredo multicultural que é uma mega aula de conhecimentos históricos, culturais, antropológicos, sociais e humanísticos entre outros.

Podemos observar que “[...] a aquisição de conhecimentos de matérias em qualquer cultura é, essencialmente, uma manifestação de aprendizagem [...]” (AUSUBEL, 2000, p. 6). Segundo Laraia (2001), quando o homem trafega pelos espaços geográficos mudando as realidades existentes do mundo, os atores sociais de culturas diferenciadas usam suas acuidades visuais de formas diferentes por isso suas opiniões divergem. Já Geertz (1989) diz que construirão teias de significados, transformado e possibilitando o que Cancline (2008) chama de culturas híbridas, entre povos hegemônicos, subalternos, tradicionais e modernos (res)significando sentidos.

religiosos específicos para cada situação apresentada.

MAPA CONCEITUAL: uma proposta significativa

O mapa conceitual criado por Joseph Novak, vem favorecer os estudos para novas perspectivas cognitivas do aprendiz. Esta proposta deverá partir da formação de palavras-chave que se desdobram em conceitos particulares (específicos) e que durante sua existência corrobore para a formação do cognitivo oferecendo multiplicidades dos conceitos transformando-se em material potencialmente com significados.

Entretanto, o autor adverte que estas palavras conceitos terão sempre que formar o que ele chama de Diferenciação Progressiva que é o sentido neutro de cada semântica, dialogando e explicando seu apontamento. E a Reconciliação Integrativa, é o sentido que o mundo tem, não sendo monocultural, centralizador, um mundo próprio. São as relações entendidas como unicidades, ambas se separam e se unem.

Para Moreira (2013) *Aprendizagem Significativa em Mapas Conceituais* *Meaningful learning in concept maps* deverá obedecer os critérios conforme a tese de Ausubel (2000) para poder ser inseridos ao novo aprendiz. Não existirá mapas certos ou errados, pois dependendo de quem vai construir porá nele subjetividade e 'idiossincrasia' que é a personalidade do autor, suas vivências no mundo com suas historicidades.

Para Bourdieu (1989, p. 9), "a tradição neo-kantiana (Humboldt-Cassirer ou, na variante americana, Sapir-Worlf para a linguagem) tratar os diferentes universos simbólicos, mito, línguas, arte, ciências, como instrumentos dos mundos dos objetos [...]".

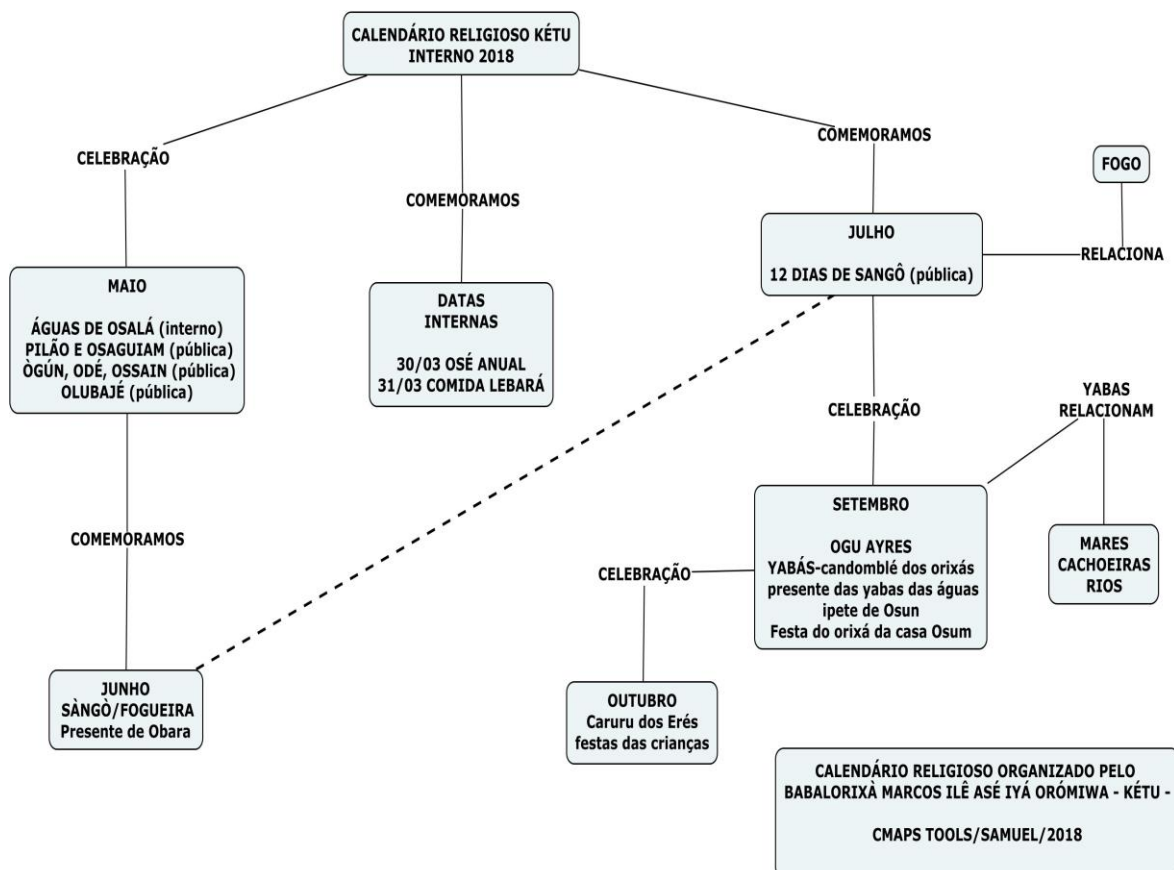
Destarte, estas práticas vão para além de datas votivas, os praticantes e convidados desenvolvem o conhecimento significativo e criam uma perspectiva de saberes que representam uma cultura milenar criando uma teia de saberes. Segundo Kochhann e Moraes (2014, p. 110), "pode ser uma metodologia de avaliação. O mapa conceitual". Para Novak e Cañas (2010, p. 10) "mapas conceituais são ferramentas gráficas para a organização e representação do conhecimento".

Contudo, os iniciados começam a ganhar novos conceitos, significativos pelos conhecimentos prévios dos terreiros com suas incumbências religiosas, e na territorialidade não mais com sentido fundiário e sim com os laços de pertencimentos

que são todas as coisas que ligam o homem a terra e que nela produz, agora sim, tudo fazendo sentido.

Neste viés, segundo Kocchhan e Moraes (2015), por fim, o aluno precisa conseguir aplicar em sua realidade o conteúdo apreendido. Para isso, o programa Cmap Tools foi construído pelo Instituto de Cognição Humana e de Máquinas (IHMC) da Flórida-EUA. Nele os seus usuários poderão construir e divulgarem seus trabalhos críticos de conhecimentos pelos mapas conceituais.

No calendário festivo/religioso abaixo, contém informações cerne que podem ser obedecidas pelos iniciados quando desejarem abrir um terreiro. Pois, são do mesmo Asé (energia vital), neste caso, o Babalorixá Celso, do Ilê Asé Ogu Ayres reside no Rio de Janeiro/RJ.



Já seu filho Marcos de Osum fixa seu terreiro em Jaboatão dos Guararapes/Pe, datada sua fundação em 25/11/2002 seguindo a tradição conforme ensinamentos do pai. Por conseguinte, poderá haver mudanças neste mapa religioso, pois sabemos das biodiversidades, marinhas, terrestres, aéreas, etc, influenciando os serviços extra

terreiros.

Os ecossistemas estão em crises pelas mãos desastrosas do homem capitalista. Precisando de uma ação com manejo sustentável freando as desastrosas degradações provocada pelo desenvolvimento globalizado.

As religiões de matriz africanas vivem à luzes das energias fornecidas pelo planeta azul. Esta relação é o fundamento básico das existências destes povos, e para as religiões de matrizes africanas se manterem erguidas. Tem-se uma relação imbricada com a “mãe terra” ela é a fonte da vida, pois sobre ela deverá gira as diversidades de seres animados e inanimados.

Pois, tudo que praticamos sobre seu corpo contrariando suas normas, afetam todos do globo terrestre. Os africanos pensam na coletividade/comunitária. O candomblé é pela alteridade com equidade, os Orixás são pela continuidade da vida.

A grande fonte de saberes e fazeres, a ‘ancestralidade’ é a grande universidade humana. Segundo Mãe Stella de Oxossi do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, Salvador-Bahia no documentário Folhas Encantadas, nos alerta *“Para o candomblé toda natureza é sagrada. As folhas nos ensinam e nos curam, mas para isso precisam ser ENCANTADAS.”* Há sempre uma relação de aprendizagem com o meio em que vive.

EPISTEMOLOGIA PÓS-ABISSAL: uma proposta do Sul, com o Sul e para o Sul

No que toca o berço da humanidade, à África, segundo o pensador doutor em Filosofia Renato Nogueira da UFRRJ (2012), sobre as vivências humanizadas africanas “Ubuntu” dos povos Xhosa e Zulu define: o ser humano transforma-se em ser humano quando humanizado por outro.

Consideramos que esta cosmovisão é praticada pelas comunidades religiosas africanas nos quatro quantos dos terreiros, onde todos desenvolvem seus conhecimentos na interação entre homens, natureza, ancestralidades e culturas híbridas se entrelaçam, por isso, segundo Gadotti e Romão (2012) neste instante poderão descolonizar mentes, onde colonizador e colonizado se libertam das prisões cognitivas eurocêntrica.

Para Sousa Santos (2009) é evitar o ‘Epistemicídio’. Com este pensar o autor nos adverte em seu livro intitulado: Epistemologias do Sul, sobre as problemáticas causadas

pelo monoculturalismo eurocêntrico que tange todas as outras formas de conhecimentos.

Sua missão neste momento é fazer as populações conjugarem o verbo Sulear que é a construção de novos paradigmas que tratarão das formas de viver a partir do Sul e com o Sul. Desconstruir essa visão de dependência, países economicamente não credíveis, de povos sem conhecimentos, de cultura primitiva entre outros termos pejorativos.

A proposta de Souza Santos (2009) é o pós-abissais, buscar nas populações interculturais estes novos processos de construção de conhecimentos e visibilizá-los, já que o mundo capitalista hegemônico atende aos mandos do crescente conservadorismo neoliberal, que tem base sólida no tripé do ser, saber e poder. Para isso, a ecologia de saberes promoverá um pensamento além das fronteiras do conhecimento, levando aos grandes centros de saberes, com suas constelações de oportunidades agregando poder intercultural que transforma ensinando o Norte como vivem e se constituem as populações do Sul.

Por isso, adentrar com as diversas formas de olhares múltiplos das comunidades comdomblecistas que perpetuam saberes e fazeres ancestrais que cuidam e zelam em pró de sistema humanitário diversos e que já constituem uma luz através da Lei Federal Resolução Nº 8, de 20 de novembro de 2012, que define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. É sim, uma vitória da humanidade.

Não queremos jamais, com este pensamento fundamentar uma nova forma copiando a do Norte hegemônico. Fundamentar um afrocentrismo é contrário as afroperspectivas deixadas pelos grandes líderes que lutaram por uma mundo mais digno e livre das amarras do colonialismo Harriet Tubman , Malcolm X, Nelson Mandela.

Podemos apresentar a perspectiva da educadora Azoilda Loretto da Trindade quando em sua proposta assentada na cosmovisão africana em sala de aula, oportunizando olhares descolonizantes ao construir uma epistemologia que faça da África e toda a sua pertença cultural e humana ser oferecida como complementaridade nas escolas, IES, e em todo local onde se construa visões de mundo de povos completamente interculturais. Comporão esta tese: Axé (energia vital), musicalidade,

circularidade, memória, ancestralidade, oralidade, ludicidade, corporeidade, cooperativismo/comunitarismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que os povos, berço da humanidade, por meio de suas práticas religiosas que atravessaram com seus conhecimentos sobre mares de perseguição e desconstrução por mais de 500 anos, e que usando as práticas ancestrais se fixam como povos tradicionais no mundo.

Hoje no contemporâneo, estas epistemologias são fontes de pesquisas científicas oportunizadas por diversos autores, grupos de estudos, IES, Ongs, entre tantos outros que visibilizam suas formas de perpetuarem conhecimentos outrora negadas pela monocultura do Norte.

Neste Sulear de pensamentos novos mundos seguem rumo ao século XXI, (re)configurando a educação com seus saberes multiculturais/interculturais. Portanto, pontuando a oralidade e poderes simbólicos como representações prévias para compor seus conhecimentos os candomblecistas, quando estão à luz das práticas ausubeliana mostraram-se existentes e específicas nos seus dias. O quão essa aprendizagem vai para além da teoria e prática, aprender com significados e/ou mecanizados neste caso, são partes integradoras e independentes, chamada de *continunn*.

Com a aprendizagem significativa desenvolvida inconsciente, os candomblecistas constroem suas teias significativas de aprendizagens. Conforme o autor nos indicou com sua proposta, ter um material potencialmente forte de significados e a disposição do educando em aprender.

Sempre com base na verbalização/oralidade e recebendo suportes de aprendizagens (matérias potenciais) na pedagogia candomblecista, contribui bastante para que o aprender a aprender no terreiro seja sempre com perspectivas embasada no conhecimento ancestral, pois no cotidiano nos terreiros são repletos de tarefas complexas, que duram horas e/ou dias. Sendo uma aprendizagem verbal significativa.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. *Aquisição e retenção de conhecimentos: Uma perspectiva cognitiva*.

Revista Communitas v. 2, n. 3 (2018): *Múltiplos discursos, práticas e políticas na/da educação*

Lisboa: Paralelo, 1999.

BOURDIEU. P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola na Educação Básica*. Brasília: MEC/SECADI, 2012.

BRANDÃO. A. P. *Modos de Fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p.18.

BÂ. A. H. A tradição viva. In: *História Geral da África, I metodologia e pré-história da África*. Editado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo: Ática/UNESCO. 1982. p. 172.

CAPUTO. G. S. *Aprendendo yorubá nas redes educativas dos terreiros: história, culturas africanas e enfrentamento da intolerância nas escolas*. Revista Brasileira de Educação v. 20 n. 62 jul-set. 2015. p. 778.

CAPUTO. G. S; PASSOS. M. *Cultura e conhecimento em terreiros de candomblé – lendo e conversando com Mãe Beata de Yemonjá*. Disponível em: <www.curriculosemfontes.org>. v. 7, n. 2. Acessado em: <01/04/2018>. p.6

CANCLINE. N. G. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Heloisa P. Cintrão e Ana R. Lessa, 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CONCEIÇÃO. L.A.A. *A pedagogia do candomblé: Aprendizagens, ritos e conflitos*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade do Departamento de Educação da UNEB. Disponível em: <www.cdi.uneb.br>. Acessado em:<01/04/2018>.

FOLHAS ENCANTADAS. Direção: Antonello Veneri e Stefano Barbi. Produção: Alessandra Veneri. *Tradições culturais brasileiras*. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aT-Ng2Yw6QM&t=143s>> Acessado em: <04/04/2018>

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. *Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2012.

GOMES, N.L. (org.) *Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03*. Brasília: Editora Brasília, 2012.

_____. *Transversalidade Emancipatória da África*. Disponível em: <www.ebc.com.br>. Acessado em: <19/08/2016>.

GEERTZ. C. *A Interpretação da Cultura*. Rio de Janeiro: Guanabara Kogam, 1989.

GISÈLE OMINDEREWA. Direção: Clarice Ehlers Peixoto. Produção: Da terra produtos culturais. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PowR8233dOA>>

Revista Communitas v. 2, n. 3 (2018): *Múltiplos discursos, práticas e políticas na/da educação*

acessado em: <05/04/2014>.

KOCHHANN, A.; MORAES. A. C. *Aprendizagem Significativa na perspectiva de David Ausubel*. Anápolis: UEG, 2014.

MOREIRA. A. M. ; MASINI. E. S. F. *Aprendizagem Significativa: a teoria de Ausubel*. São Paulo: Moraes, 1982

MOREIRA. A. M.. *Aprendizagem Significativa Crítica*. Disponível em <<http://moreira.if.ufrgs.br/>> Acessado em: <03/04/2018>.

_____. *Mapas Conceituais e Aprendizagem Significativa*. Disponível em: <<http://moreira.if.ufrgs.br/>> Acessado em: 03/04/2018>.

MUNANGA. K. *O povo negro*. São Paulo: USP, 95/96.

NOGUERA. R. *Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista*. Revista da ABPN. v. 3, n. 6. nov. 2011 – fev. 2012.

NOVAK, J. D.; CANÃS. J. A. *A teoria subjacente aos mapas conceituais e como elaborá-los e usá-los*. Disponível em: <www.periodico.uepg.br>. Acessado em: <01/04/2018>.

PREVITALLI. I. M. *Tradição oral e novas tecnologias no candomblé da metrópole*. Revista Brasileira das Religiões. ANPUH, ano VII, n.20, Set. Disponível em: <www.periodicos.eum.br/index.php/RbhrAnpuh/index> Acessado em: <04/04/2018>.

OLIVEIRA. A; ALMIRANTE. K. A. *Aprendendo com o Axé: processos educativos no terreiro e o que as crianças pensam sobre ele e a escola*. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2014v16n1p139>>. Acessado em: <01/03/2018>.

SANTOS. B. S. ; MENESES. M. P. *Epistemologia do Sul*. Coimbra: Edições Coimbra, 2009.

SOUZA. S. P. *Educação Escolar Quilombola: as pedagogias quilombolas na construção curricular*. Dissertação de Mestrado – UFBA, Faculdade de Educação, programa de Pós-graduação, Salvador, 2015.

TRINDADE. A. L. *Valores Civilizatórios Afro-brasileiros para a Educação Infantil*. Disponível em: <<http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/Valores>> Acessado em: <03/04/2018>.

VALLADO. A. *Lei do Santo: poder e conflito no candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

VERGER. P. F. *Orixás*. Salvador: Currupio. 2002.